

OS ESCRITORES QUE EU MATEI

OS ESCRITORES QUE EU MATEI

MARCO SEVERO



MOINHOS

- ◉ MOINHOS, 2019.
- ◉ MARCO SEVERO, 2019.

EDIÇÃO:
CAMILA ARAUJO & NATHAN MATOS

REVISÃO:
LITERATURABR EDITORIAL

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO:
LITERATURABR EDITORIAL

CAPA:
SÉRGIO RICARDO

NESTA EDIÇÃO, RESPEITOU-SE O
NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

S4980
SEVERO, MARCO - OS ESCRITORES QUE EU MATEI
ISBN 978-85-45557-81-4
CDD B869.3
ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
I. CRÔNICAS. I. TÍTULO

BELO HORIZONTE:
EDITORA MOINHOS
2019 - 152 P.: 21 CM.

TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À EDITORA MOINHOS
EDITOR@MOINHOS.COM.BR
EDITOR@MOINHOS@GMAIL.COM

SUMÁRIO

A GENEROSIDADE DA ARTE DIANTE DA AUSÊNCIA DOS AFETOS	11
AS LEITURAS POSSÍVEIS DE UMA VIDA	14
OS CLÁSSICOS QUE VOCÊ NUNCA VAI LER	19
O AUTOR TEM MESMO QUE SE SUPERAR A CADA OBRA?	23
OU É NA IDADE CERTA OU NUNCA (?)	28
SEDUZIDO PELO TÍTULO	33
UMA ILHA DESERTA EM CHAMAS	38
INVEJA BRANCA LITERÁRIA	43
[GRANDES] AUTORES DE UM LIVRO SÓ	48
A ERA DO ESCRITOR MUDIÁTICO	59
EMPRESTAR LIVROS: UMA ARTE	64
É POSSÍVEL SEPARAR O AUTOR DE SUA OBRA?	70
O PROBLEMA DAS PRATELEIRAS	77
UMA DEFESA DO <i>BESTSELLER</i>	81
QUEM VOCÊ TEM MEDO DE LER?	86
LEITURAS DE PRÉ-MORTE	91
ENDEUSAMENTO LITERÁRIO	95
LITERATURA É FINGIMENTO OU O CARNIVAL DOS CURUMINS	98
A ZONA DE CONFORTO LITERÁRIA É ACONCHEGO	104
É MESMO BOM SER A FORMIGA?	108
ESCRITORES DEFUNTOS E SEUS RESTOS	112
MINHA CULPA, MINHA MÁXIMA CULPA?	117
O MOMENTO CERTO DE TUDO: DAS LEITURAS DA INFÂNCIA E DA NÃO-TÃO-INFÂNCIA ASSIM	121
A MORTE E AS MORTES DOS ESCRITORES QUE ADMIRAMOS	124
OS ESCRITORES QUE EU MATEI	128

COLOCANDO FOGO NA BIBLIOTECA	134
O LEITOR TRANSFORMADO	138
VENDER LIVRO DE PORTA EM PORTA NA ERA DA AMAZON	140
UM AMOR (LITERÁRIO) REDESCOBERTO	142
SER OS OLHOS DE ALGUÉM	144
INDEPENDÊNCIA É É VIDA	147

A Vanessa Barbara, que pavimentou e iluminou os caminhos.

A Gabriela Reinaldo, amizade e afeto para além das palavras.

Ao Henrique, força soberana.

A arte de escrever é a arte de descobrir aquilo em que se acredita.

Gustave Flaubert

A GENEROSIDADE DA ARTE DIANTE DA AUSÊNCIA DOS AFETOS

Viver implica em acumular perdas. Do corte no cordão umbilical até os atos de ruptura mais simbólicos da infância, essa realidade inerente à vida começa cedo. Com o passar dos anos, começamos a *nos dar conta* dessas perdas, seja a perda dos pais, irmãos, amigos, a perda de direitos, a perda da própria saúde, de tempo, de espaço, de dinheiro.

Alguns se seguram através da fé, em uma entidade divina na qual eu pareço que acredito quando me convém. Sem religiosidade pelo meio, porque a religião atrapalha o trânsito de uma vida, que deve ser livre de embarreiramentos. Prefiro acreditar numa existência em que aqueles que se foram de suas vidas nesse mundo continuam, de alguma maneira, a conviver comigo. Porque no solo do meu coração cabem todos. Acreditar que meus mortos me sabem é acreditar com o coração. Só o amor nos capacita a enfrentar a ausência. O amor recebido, o amor dado, o amor que nutrimos por coisas e pessoas. Por isso escrevo, para que o amor permaneça em mim. Por mais doloridas que minhas histórias sejam, há a permanência do que nos torna humanos, e essa compreensão ajuda a que eu não me brutalize, e amplia a possibilidade de olhar para que o leitor faça o mesmo.

Há mais de meia década não vejo minha irmã. Ela está viva, morando do outro lado do mundo, mas eu não posso vê-la à distância de um toque, estando geograficamente tão longe. Como não sentir a enorme dor pela ausência do único membro da família que me conhece por todos os ângulos e a quem mais amo e por quem às vezes, com mais frequência do que gostaria, choro? Reside aí uma impossibilidade, porque

a lembrança é uma maneira de nos fazer viver, e quem vive, sente. Ainda que na recusa, sente. Por isso a minha fé, que não é fé religiosa. Quando tudo está nublado aqui dentro, mudo a rota da lembrança dolorida para uma lembrança de amor. E assim me salvo de mim mesmo, que sou rocha – a um só tempo rigidez e, em essência, pó. No entanto tenho me cuidado, por mais que às vezes, tivesse eu a certeza de uma morte feliz, não me cuidaria. Me desgastaria até ir embora, eu que nasci para a esbórnia. No fim das contas é preciso mais coragem para viver do que para se deixar morrer. Então eu vivo. E não é outra coisa senão a arte que me impulsiona na direção do viver. Da minha lembrança mais antiga até as mais recentes, as diversas formas de arte foram o que estiveram aí o tempo inteiro, mostrando que a vida possível era através dela.

E viver é também um improviso. Nada faço estruturado, meu escrever, por exemplo, é um mosaico, e a sensibilidade é o que me frustra e o que me faz viver. Aceito bem esse contraditório onde construí morada, perto dele há um riacho, um pomar e outras alegrias: aceito o que em outro lugar rejeitaria como forma de compensação por ter o que tenho crescendo para todos os lados dentro de mim.

Engraçado é que gosto de contar histórias da maneira que aprendemos para entregar redações à tia Mazé, na 3ª série: meu narrar exige de mim um começo, um meio e um fim, na maioria das vezes. Mesmo que por dentro eu seja a própria tentativa de fazer arte com restos de azulejos. Vou juntando pedaços de modo a fazer com que o leitor encontre sentido no que tenho a contar, ainda que o que meus personagens façam não tenha rumo aparente. É uma forma de me organizar, de delinear caminhos para a queda d'água aqui dentro encontrar um caminho para fluir. Nunca deixo de ser labirinto mas, tal como ele, estou num espaço de chão firme, encontrável.

E vou me tateando para me encontrar, embora eu saiba que isso também é uma forma de lidar com as minhas vontades: engano-me, porque sei que esse encontro jamais se realizará.

Nascer implica em sofrimento intrínseco. Como diz Philip Roth em *O animal agonizante*: “Tarde demais, nascemos”. Não há caminho de volta percorrível. Ainda bem que nascer também implica em uma miríade de contentamentos que arejam nossas dores e ajudam a nos preparar para as intempéries, que não são poucas.

O grande escritor argentino Ernesto Sabato afirma em seu livro de memórias, *Antes do fim*, que quando alguém lhe parava na rua, numa praça ou no trem para perguntar-lhe quais livros deveriam ser lidos, ele sempre respondia: “Leiam o que os apaixone, apenas isso os ajudará a suportar a existência”. É precisamente aí que reside a insuperável dimensão da arte: a paixão. É a arte que nos arrebatava, que evoca nossos desejos e que nos provoca, que nos mantém vivos. Não é o seu trabalho, não são as suas obrigações nem a sua falta de tempo: são as suas paixões. E a literatura (assim como o cinema, a música, a pintura, a fotografia, dentre tantas outras formas de expressão artística), quanto a isso, é mestra incontestada.

Sim, uma vez do lado de cá, não se tem notícia do ser humano que passou pela vida incólume. Caminhamos pela simples certeza de que os dias se impõem uns aos outros e assim, cria-se o enovelado de nossas biografias. Por isso esse ato de andar pela arte nos aumenta o viver; ela também mostra os percursos que nos agregam dias de vida, seja nos de explosão de alegria, seja nos que determinam desfechos, caminhamos porque, mais do que ser o que se espera de nós, é o que esperamos de nós mesmos, ora por estradas em melhores condições, ora noutras sofríveis, até chegar não aonde se quer, mas aonde é preciso que a gente chegue.

AS LEITURAS POSSÍVEIS DE UMA VIDA

Vivemos por nossas obsessões.

No limiar entre a neurose e a completa paranoia, criticadas como sejam, são elas que nos salvam. Refiro-me aqui, claro, àquelas pequenas coisas que fazemos constantemente, com uma frequência que libera endorfina, serotonina e todos esses neurotransmissores que tornam a vida um pouco mais leve.

Imagine o que seria viver sem a ajuda dessas repetições que fazem de nós pessoas capazes de viver em sociedade. Sim, eu digo isso porque, se fôssemos privados dos nossos pequenos prazeres, é certo que o mundo teria muito mais criminosos do que tem atualmente.

Pois bem: andaram fazendo um cálculo e descobriram que, se nós lêssemos um livro por semana até os 80 anos, o máximo que conseguiríamos ler entre os 15 e os 80 seria o total de 3510 livros.

Isso significa que se eu parasse de comprar livros *hoje*, ainda assim não daria conta de ler tudo o que tem na minha biblioteca pessoal. E que fique claro que a possibilidade de nunca mais comprar nada e ler apenas o que já tenho está fora de cogitação.

Pausa para o momento da depressão. Fôlego novo. Avante.

O assunto já me ocorrera, mas só quando vi uma postagem da escritora Socorro Acioli sobre ele no Facebook, foi que decidi ser a hora de escrever a respeito: o quanto se pode ler numa vida, e qual a importância de sermos seletivos ao escolhermos uma leitura? – Ou mesmo se isso de fato é

relevante para o leitor, seja durante sua formação ou se quando este finalmente dar-se conta de que o tempo que tem para fazer tal leitura é esqualido.

Então, vamos às inquietações, que são muitas.

Quando eu era mais jovem, o hábito de ler tudo o que aparecia pela frente fez com que eu me tornasse um glutão literário. Apareceu, eu devorava. Mas isso foi no tempo do antes – quando esse tipo de comportamento se faz até necessário, eu diria.

Com o passar dos anos, entretanto, ler se torna uma preleção árdua e contínua. Quantos não conhecemos que se utilizam da clássica “Eu não leio porque não tenho tempo”? Ou então a variação dela: “Já li muito na vida, mas com essa correria do *dia a dia, não posso mais*”. *São os que sucumbem pelo caminho*. Mas podemos culpá-los de tudo? Nem todo mundo nasceu para ganhar guerras. E se tem um negócio aflitivo hoje em dia, é equilibrar a obrigatoriedade de uma vida dinâmica (trabalho, casa, redes sociais) a pessoas ao redor cada vez mais carentes e ainda arranjar tempo pra ler.

Até uma certa idade quando as obrigações são menos conflitantes, tudo bem. Depois que a avalanche faculdade-emprego-relacionamento-família (ou suas inúmeras variações) começa a descer a montanha com tudo atrás de você, é correr pra não ser pego.

E há quem consiga. Eu me obrigo a conseguir, porque de algumas lutas jamais abrirei mão. Ler e escrever, por exemplo.

Só que há um momento em que essa máquina compressor de livros se desgasta. É quando ela dá lugar ao ser humano, que com um pouco mais de sabedoria, faz escolhas baseadas no desejo, sem dúvida, mas num desejo que almeja a fruição, e não apenas o prazer imediato – ou a quantidade.

Nietzsche disse no seu *Assim falou Zaratustra*: “Mastigar e digerir tudo – essa é uma maneira suína”. Comparar o leitor que lê qualquer coisa como se não houvesse amanhã a porcos é a maneira mais clara de afirmar que quem tudo ingere, corre o risco de ingerir dejetos.

Eu não estou falando aqui de quem, na tentativa de reviver um amor antigo, decide-se por fazer um *revival* que, seja com livro ou com pessoas, quase sempre termina em tragédia. Outro dia resolvi pegar pra ler um autor que tinha sido uma verdadeira febre pra mim na adolescência, quase vinte anos depois de tê-lo lido pela última vez. Resultado: abandonei o livro nas primeiras páginas, com a sensação de que dos 14 aos 19 só perdi meu tempo.

Por esse mesmo motivo não releio livros que amei desbragadamente em outras épocas. Não incorro mais no risco de macular a imagem que tenho de um velho amor. O livro continua o mesmo, o que mudou foi meu eu leitor. Não funciona mais. Qual a necessidade da releitura, então?

Voltando àquele cálculo, temos de pensar também que o leitor que busca a leitura pelo seu valor não vai ler como quem se apressa para cumprir uma meta. Antigamente, num ano de leituras em que eu não atingia a média de livros que leio em 365 dias, ficava chateado. Atualmente, embora eu continue com a mania de anotar todos os livros que leio, sei que, se eu ler 27 num dado ano ao invés de 40, isso não terá a menor diferença. Talvez eu me pergunte o que teria acontecido pra eu ler bem menos, lembre dos motivos e só. A vida segue e no ano seguinte já será um outro arquivo com as leituras recomeçando pelo número um.

Ninguém aprende a selecionar de uma hora para outra. Basta olharmos em nossa volta e percebermos não apenas as porcarias que os outros fazem de/em suas próprias vidas,

mas as nossas também. Quantas vezes tivemos a *certeza* de que estaríamos mortos se arrependimento matasse? Mas aprendemos. A maioria de nós, pelo menos. E sem essa de apontar o dedo para a leitura do outro. Os níveis de leitura e as necessidades leitoras variam; assim, embora nós adoremos criticar quem passa a vida na literatura erótica e endeusar quem só lê clássicos, cada qual está usando seu filtro, seus parâmetros. E enquanto a literatura for capaz de fazer alguma coisa pela vida de alguém, não importa se ela atende pelo nome de Mr. Grey ou de Dom Quixote. Não é isso que está em questão aqui.

Ainda hoje me sinto perdido quando vou a uma livraria. Não raro, circulo pelos mesmos espaços inúmeras vezes, na esperança de que um livro que estava dormindo, quando eu passei por ele da primeira vez, pule no meu colo na segunda. E sabe-se lá se esse dito livro não será capaz de mudar algo no que existe de mais entranhado em mim?

Agora, seja lá como for, não podemos emporcalhar nossa vida literária. Lê o que te apetece, mas não te obriga a ler o que não está na hora de ser lido (e pode ser que nunca será). Dê um prazo ao livro. Se ele não te seduzir, passe para outro. A vida é curta demais pra nos obrigarmos a ler uma obra que não nos toca.

E isso nos traz a uma abrangente questão: a consciência da passagem do tempo nos torna mais criteriosos quanto ao que ler? Possivelmente. Quem sabe que já viveu, digamos, mais da metade de um século pode começar a ter seus parâmetros: todos os livros do seu autor favorito, tudo o que considerar bom sobre um determinado tema, a literatura de um determinado país ou região... as possibilidades são muitas. Poder explorá-las, uma dádiva que só a sabedoria trazida pelo tempo é capaz de instaurar.

Se uma das razões por estarmos vivos é podermos nos tornar seres humanos melhores para, assim, fazermos a diferença para nós mesmos e para o mundo, não podemos abdicar de nossos parâmetros. Nossa vida é pautada por eles, seja de forma autoimposta ou porque o próprio ato de viver nos impõe. E ler é um ato transformador. Trazer para si boas leituras é também uma maneira de presentear a própria vida. Fazê-lo de forma sábia é a forma de agradecer a oportunidade que nos foi dada de estarmos no mundo e podermos fazer usufruto da ideia dos outros para que aquilo nos ilumine onde jamais luz nenhuma chegou. Seja lá no que se acredite – ou não – pertencer a uma espécie tão frágil e ainda assim ser capaz de existir quando tanta coisa nos diz não, é por si só algo sobrenatural, belo e transcendente.

Viver a experiência requer tempo, paciência e portas abertas para se deixar tocar. Aos poucos, o livro vai se tornando um cúmplice. E convenhamos: sexo com amor é muito mais gostoso.